



09 DE NOVEMBRO DE 2011

Quarta – feira

- **NOTÍCIAS CNI (ANEXO)**
- **INFORMATIVO NOVOS PROJETOS DE LEIS 28.2011 - DAL/FIEP (ANEXO)**
- **TRF LIBERA LICITAÇÃO DO TREM-BALA**
- **PRODUÇÃO DO PARANÁ CAI APÓS QUATRO MESES**
- **NÍVEL FRACO DE INGLÊS ENTRE EXECUTIVOS PREOCUPA EMPRESAS**
- **PREÇO DO MINÉRIO DE FERRO SOBE US\$ 15 EM 11 DIAS**
- **JUROS FUTUROS SUGEREM CICLO MAIOR DE REDUÇÃO DA SELIC**
- **INDÚSTRIA PODE TER UM 2012 MAIS ANIMADOR, PREVEEM ECONOMISTAS**
- **QUEDA EM AUTOMÓVEIS PREJUDICA ATIVIDADE INDUSTRIAL DE 5 ESTADOS**
- **FATURAMENTO AUMENTA COM ATIVIDADE EM QUEDA**
- **CHERY VAI ANTECIPAR FÁBRICA NO BRASIL**
- **SALDO DE FINANCIAMENTO PARA VEÍCULOS ATINGE R\$ 199,3 BI EM SETEMBRO**
- **USIMINAS: LUCRO NO 3º TRIMESTRE CAI 70%, PARA R\$ 154 MI**
- **VENDAS GLOBAIS DA VOLKSWAGEN CRESCEM 12% ATÉ OUTUBRO**
- **NOVA TÉCNICA ANTECIPA QUANDO UM METAL IRÁ SE QUEBRAR**
- **KENAMETAL LANÇA PRODUTOS PARA FRESAGEM EM ALTA VELOCIDADE**

Câmbio Em 09/11/2011		
	Compra	Venda
Dólar	1,750	1,751
Euro	2,377	2,378

Fonte: BACEN

TRF libera licitação do trem-bala

09/11/2011- Gazeta do Povo

O Tribunal Regional Federal (TRF) da 1.^a Região liberou a licitação do trem de alta velocidade que vai ligar as cidades de Campinas, São Paulo e Rio de Janeiro. A Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) pretende pôr em audiência pública o edital de licitação até o fim do mês e realizar o leilão no início do segundo semestre de 2012. No fim de setembro, a Justiça Federal de Brasília havia suspenso todos os procedimentos relacionados à licitação do trem-bala até que a ANTT regularizasse todas as linhas de transporte público interestadual no país com extensão superior a 75 quilômetros. O TRF1, entretanto, argumentou que não é claramente demonstrado como o trem-bala prejudicaria a regularização das concessões das linhas de ônibus.

Produção do Paraná cai após quatro meses

09/11/2011- Gazeta do Povo

Após crescer pouco mais de 20% de maio a agosto, a produção industrial paranaense despencou 13,5% em setembro, informou ontem o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Bem mais forte que o da média nacional, que caiu 2% na mesma comparação, o recuo do Paraná foi também o mais severo entre os 14 locais pesquisados pelo IBGE.

Ao que tudo indica, o número de setembro representa uma espécie de acomodação após o desempenho vigoroso dos quatro meses anteriores, quando a indústria local avançou bem mais que a dos demais estados: entre maio e agosto, o Paraná acumulou um crescimento de 20,4%, contra um avanço de apenas 0,2% da média brasileira.

Segundo o economista Fernando Abritta, da coordenação de indústria do IBGE, o segmento de edição e impressão (a indústria gráfica) foi o principal responsável pela retração de setembro. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, o segmento produziu 46,4% a menos, depois de um aumento de 120,9% um mês antes. "Essa atividade tem produção muito volátil, muito influenciada por encomendas, principalmente governamentais. Por isso essas fortes oscilações", explica Abritta.

O presidente da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep), Edson Campagnolo, cita outros dois setores que puxaram a média estadual para baixo. "O segmento de máquinas e equipamentos, também muito influenciado por encomendas, recuou em setembro. Além disso, o setor automotivo, que teve produção bastante elevada em agosto, diminuiu o ritmo no mês seguinte."

Apesar da queda em relação a agosto, a indústria do Paraná cresceu 1,5% em relação a setembro de 2010, enquanto a indústria brasileira registrou uma retração média de 1,6%. Dos 14 ramos monitorados no estado, oito ampliaram sua produção nesse tipo de comparação, com destaque para as montadoras de veículos, cuja alta de 28,6% foi influenciada em grande parte "pela maior fabricação de caminhões, caminhão-trator e bombas injetoras", segundo o IBGE. O relatório do instituto também chamou atenção para os aumentos de 31,9% na produção de combustíveis, em especial gasolina e diesel, e de 4% na de alimentos.

Longo prazo

De janeiro a setembro, a produção industrial do Paraná aumentou 4,4% em relação a igual período de 2010, impulsionada pela expansão de dez das 14 atividades pesquisadas – apenas os segmentos de bebidas, mobiliário, máquinas e equipamentos e edição e impressão estão produzindo menos neste ano. O índice paranaense está acima do nacional, que registrou expansão de 1,1% no período. De um total de 14 locais, apenas Espírito Santo (com alta de 8,2%) e Goiás (5,7%) cresceram mais.

Entretanto, os números do IBGE não escondem que, a exemplo do que ocorre em quase todos os estados, o crescimento da indústria paranaense é cada vez mais fraco. Em janeiro deste ano, a taxa de expansão acumulada em 12 meses era de quase 15% no Paraná e de pouco menos de 10% no Brasil; em setembro, o mesmo indicador estava em 4,2% e 1,6%, respectivamente.

Em relação às perspectivas para os próximos meses, Campagnolo diz que é natural haver alguma desaceleração na produção no último trimestre, quando boa parte dos pedidos para fim de ano já foi entregue. "Mas não esperamos queda acentuada", avisa o presidente da Fiep. Segundo ele, até agora a crise internacional não afetou a indústria local.

Nível fraco de inglês entre executivos preocupa empresas

09/11/2011- Gazeta do Povo

Saber inglês é uma exigência para quase todas as vagas para executivos oferecidas por multinacionais, mas os candidatos paranaenses não estão correspondendo às expectativas. Segundo um levantamento da consultoria Michael Page, apenas 40,5% dos profissionais de nível gerencial no estado possuem conhecimento "aceitável" da língua para a posição. Mesmo considerado baixo, o número ainda é superior à média nacional, de 33%. A situação prejudica tanto os candidatos, que por vezes ficam excluídos das oportunidades, quanto as empresas, que, sem opção, precisam investir em programas internos de treinamento ou cursos em parceria com escolas de idiomas.

Leandro Muniz, gerente regional da Michael Page, explica que o idioma é exigido também para uma grande parcela dos cargos abertos por empresas brasileiras. "As organizações que têm matriz fora do Brasil exigem que o profissional tenha um inglês

avançado para que possa manter contato com superiores ou pessoas e projetos de outras unidades pelo mundo. As empresas locais pedem conhecimento do inglês por causa de projetos que elas têm ou pretendem desenvolver com fornecedores e parceiros no exterior”, afirma.

Uma situação comum e que puxa o índice de inglês entre executivos para baixo é a impressão que os próprios profissionais têm do seu nível no idioma. Para muitos deles, o conhecimento que possuem é suficiente para o que as empresas em geral acabam exigindo. “Em boa parte dos casos, os executivos acreditam que o seu nível é um degrau acima do que realmente é. Ou seja, alguém que tem um inglês intermediário acha que é avançado; aquele que tem um nível avançado se considera fluente. Mas nas entrevistas é possível constatar qual é a situação verdadeira”, diz Leandro Muniz, gerente regional da consultoria Michael Page.

Muniz, no entanto, não credita este quadro a uma possível “má-fé” dos candidatos, mas a uma autoavaliação feita de forma errada, comum para quem não usa o idioma com tanta frequência. Para Joachim Riedel, diretor do Buchman Institute, escola curitibana especializada em inglês voltado a negócios, a falta de prática no idioma seria um dos fatores que impedem os executivos de ter um nível melhor de inglês. “Muitos destes profissionais apresentam um nível de leitura razoável, mas a conversação ainda é o ponto complicado e exige prática para melhorar”, afirma Riedel.

Conscientização

Ainda assim, Riedel acredita que a situação do país – e também de Curitiba – em relação ao conhecimento do idioma está melhorando. “A situação vem mudando rapidamente; as empresas percebem a necessidade de investir mais na língua e os executivos estão ainda mais conscientes de que sua carreira fica limitada sem esse conhecimento”, diz.

Com dificuldade para conseguir profissionais que se encaixem no nível exigido do idioma, muitas vezes as empresas veem como alternativa a seleção de um candidato que cumpra bem os outros requisitos da vaga, deixando a capacitação no inglês para quando ele já estiver contratado. “Algumas empresas podem abrir mão do inglês num primeiro momento e, assim, apostar em um candidato que desempenhe bem as outras competências, buscando a fluência no idioma posteriormente”, diz Carlos Contar, diretor regional da consultoria Business Partners no Paraná.

Programas internos

Capacitar os empregados vem sendo a opção utilizada pelo HSBC GLT, o centro global de tecnologia do banco, que tem sede em Curitiba. Segundo seu diretor de recursos humanos, Caio Doi, 90% das posições dentro da companhia demandam nível avançado ou fluente de inglês e a dificuldade em preencher as vagas leva a companhia a desenvolver programas por conta própria.

“Em geral, precisamos de gente muito capacitada em programação e com um ótimo inglês, para que possam atender às demandas vindas de diversos países. Sem encontrar esses profissionais, aprimoramos toda uma cultura de incentivo interna para

que os contratados, assim como toda a equipe, consigam desenvolver o idioma ao longo do tempo”, conta Doi. Entre as ações propostas pelo HSBC GLT estão a padronização de parte da comunicação interna em inglês, assim como dias exclusivos para todos os funcionários exercitarem a língua, além de grupos direcionados de estudo.

Além dos casos em que a língua é essencial para o profissional cumprir suas funções, o bom conhecimento do inglês ainda ajuda na imagem dos candidatos diante dos recrutadores, de acordo com Contar, da Business Partners. “As organizações também têm a percepção de que o candidato com um nível avançado do idioma é alguém que aposta em sua própria formação. Esse conhecimento evidencia que ele busca o desenvolvimento pessoal, o que é muito bem visto pelas empresas”, diz Contar.

Preço do minério de ferro sobe US\$ 15 em 11 dias

09/11/2011- Valor Econômico

O preço do minério de ferro fechou ontem cotado a US\$ 131 a tonelada no mercado spot chinês, acumulando uma alta de quase 13% nos últimos 11 dias. Do ponto mais baixo de US\$ 116, em 29 de outubro, a commodity já subiu US\$ 15.

A retomada se dá após um "overshooting", como se diz no jargão do mercado. Foi uma queda de aproximadamente 35% no valor da tonelada do minério de 62% de teor de ferro nos últimos 40 dias, quando desabou de US\$ 175 para o fundo do poço, no período, de US\$ 116.

A expectativa de grandes produtores de minério, ouvidos pelo **Valor**, é que está ocorrendo um ajuste para um nível de queda mais razoável. Na avaliação do mercado algo em torno dos US\$ 140 até o fim do ano. O que seria considerado um nível técnico. Mas o mercado continua volátil e imprevisível na opinião das mesmas fontes.

Para os interlocutores, o valor do minério de ferro só voltará aos níveis anteriores, nas faixas de US\$ 170 a US\$ 160, no mercado livre da China, quando a inflação naquele país começar a cair e o governo chinês afrouxar a política monetária.

As mineradoras continuam cautelosas com a recente recuperação e trabalham com um cenário de mercado ainda com alta volatilidade, com momentos de expansão e quedas como ocorreu em 2008 e agora em 2011. Mas estão confiantes que a tendência de longo prazo continua favorável aos produtores de commodities.

A reversão da curva declinante do preço do minério é fruto de uma retração recente da oferta, com a saída do mercado chinês de mineradoras locais de alto custo, que estão tendo prejuízo com a produção do insumo nos níveis atuais de preço.

Mudanças climáticas, com a chegada no verão no Hemisfério Sul e do inverno no Hemisfério Norte, deverão contribuir para uma menor oferta do produto, como as chuvas no Brasil, os ciclones na Austrália e o inverno na China, que reduz ainda mais a produção doméstica da commodity.

Juros futuros sugerem ciclo maior de redução da Selic

09/11/2011- Valor Econômico

Os contratos de juros futuros longos completam mais um pregão de baixa na Bolsa de Mercadorias & Futuros (BM&F), com alguns vencimentos fazendo novas mínimas históricas.

Desde que o Banco Central (BC) começou a cortar os juros em agosto, a cena externa foi colocada como fator preponderante à tomada de posição. Mas, como o tempo passa e uma solução parece cada vez mais distante, investidores começam a ampliar as apostas de que a Selic pode cair mais do que o previamente estimado.

Para um operador, é visível o aumento nas apostas de um corte de 0,75 ponto no encontro de 30 de novembro do Comitê de Política Monetária (Copom). "Como não tem comprador, esse movimento está arrastando a curva toda para baixo", diz.

Outra interpretação existente no mercado não aponta para um passo maior no ajuste, mas sim que para a ideia de que o "teto" de três cortes de meio pode ser ampliado, ou seja, a Selic poderia ir abaixo de dois dígitos em 2012.

Veja abaixo a variação dos principais contratos de juros futuros na BM&F, antes do ajuste final de posições:

Vencimento	Taxa (%)	Varição em p.p.	Mínima
Dezembro 2011	11,42	+0,03	11,39
Janeiro 2012	11,06	-0,01	11,05
Julho 2012	10,31	-0,03	10,30
Janeiro 2013	10,11	-0,05	10,10
Janeiro 2014	10,33	-0,07	10,31
Janeiro 2015	10,60	-0,09	10,60
Janeiro 2016	10,76	-0,11	10,76
Janeiro 2017	10,83	-0,11	10,81

Até as 16h10, foram negociados 833.371 contratos, o equivalente a R\$ 73,30 bilhões (US\$ 41,50 bilhões). O vencimento janeiro de 2013 foi o mais negociado, com 224.782 contratos, equivalentes a R\$ 20,12 bilhões (US\$ 11,53 bilhões).

Indústria pode ter um 2012 mais animador, preveem economistas

09/11/2011- Valor Econômico

O início de 2012 pode ser mais animador para a indústria do que foram os últimos meses. Após uma safra de indicadores desalentadora para o setor, economistas começam a projetar uma retomada para a atividade no próximo ano, ainda que moderada. "Trabalhamos com um quadro um pouco mais otimista para 2012, quando a indústria deve ter recuperação", afirmou Rafael Bacciotti, economista da Tendências Consultoria.

Como evidência de um cenário menos preocupante do que o atual, Bacciotti aponta a Utilização da Capacidade Instalada (UCI), que [caiu](#) entre agosto e setembro, de 82,2% para 81,6%, na série com ajuste sazonal, de acordo com a Confederação Nacional da Indústria (CNI). Para o economista, esse recuo é causado pelo

desaquecimento da atividade, mas em certa medida é também devido à maturação de investimentos realizados na ampliação da capacidade, o que prepara a indústria para um eventual aumento de produção no futuro.

José Francisco de Lima Gonçalves, economista-chefe do Banco Fator, espera crescimento da indústria em torno de 3% em 2012, mas ressalta que a base de comparação será baixa – avanço inferior a 2% da produção em 2011 – e que o cenário continua pouco previsível.

“No ano que vem, [o comportamento] vai depender do andar na Europa, que é absolutamente incerto. Se a crise afetar o câmbio, e segurá-lo acima de R\$ 1,75, pode ajudar um pouco, paradoxalmente, porque protege a indústria das importações e permite alguma exportação com câmbio mais favorável”, comentou. Por outro lado, uma recessão mais profunda no continente teria como efeito queda nas exportações. “Trabalhamos com situação em que o câmbio não explode e a Europa não acaba, então a indústria deve crescer em relação a este ano”, disse.

Thiago Carlos, economista da Link Investimentos, projeta crescimento nulo da produção industrial em outubro, mas modesta recuperação já entre novembro e dezembro. Para o próximo ano, no entanto, avalia que os empresários do setor irão observar primeiro o ritmo de vendas no fim de ano para então planejar a produção no início de 2012.

Queda em automóveis prejudica atividade industrial de 5 Estados

09/11/2011- Valor Econômico

As férias coletivas adotadas pelas montadoras de automóveis em setembro ajudaram a derrubar a produção industrial em cinco Estados do país. O setor afetou fortemente a economia de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná, e, em menor escala, a do Rio de Janeiro, segundo a Pesquisa Industrial Mensal - Produção Física Regional divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A queda de 4,2% na atividade paulista, com ajustes sazonais, foi puxada em grande parte pelo setor automotivo. Sem ajuste sazonal, a queda nesse setor foi de 18,7%. Máquinas e equipamentos caíram 6,2%, ajudando na retração geral. Outro polo industrial importante, Minas Gerais registrou queda total na produção de 2,7% e de 18,9% no seu setor automotivo. A conjuntura desfavorável à produção de carros e bens de capital também contribuiu para a atividade no Rio Grande do Sul ficar negativa em 1,4% na comparação com agosto. Enquanto no primeiro setor o recuo foi de 8,7%, no segundo ele ficou em 20,1%.

De acordo com Julio Gomes de Almeida, economista do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), o nível alto de estoques da indústria automotiva - que estava em 248 mil carros em setembro - resultou na paralisação das atividades. "Os dados refletem esse cenário. Quando houve o anúncio de férias coletivas, o próprio IBGE avisou que haveria queda na produção total do país, que ficou em 2% em setembro", afirma.

A maior queda, de 13,5%, foi registrada no Paraná. O Estado, quinto em peso na produção nacional, viu a indústria automotiva retrair 18,3% no mês (esse dado sem ajuste sazonal). Outro setor importante que teve contração foi o de refino de petróleo e álcool, que caiu 5,2% em setembro. Apesar disso, o setor se mostra tranquilo. Para o presidente da Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep), Edson

Campgnolo, a contração era esperada. "Tivemos um ótimo mês de agosto na produção de automóveis, então era natural uma queda em setembro", diz ele.

O Rio de Janeiro também registrou queda na produção de automóveis, mas foi mais afetado pela diminuição da indústria extrativa (1,2%) e de outros produtos químicos (9%). O mau resultado desses setores puxou a queda de 3% no total em setembro. Paulistas, mineiros, gaúchos, paranaenses e fluminenses são responsáveis por 75% da indústria nacional, segundo o gerente da coordenação da indústria do IBGE, André Luiz Macedo

A tendência, no entanto, é que a indústria automobilística, e por consequência todo o conjunto nacional, se recupere nos próximos meses. De acordo com a Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), a produção de outubro cresceu 1,7% em relação a setembro, passando de 261 mil para 265 mil veículos produzidos. A desvalorização do real e o consumo de fim de ano também devem impulsionar a produção, diz Gomes de Almeida.

"A indústria, como um todo, está mal em 2011. O câmbio trouxe um pouco mais de produtividade e a atividade vai ficar mais forte no último trimestre. Além disso, a indústria automobilística se recuperou em outubro. Por isso, esperamos um crescimento de 1,5% da indústria no ano", diz. Até setembro, o acumulado do ano está em 1,1%.

A indústria do Ceará destoou da média e cresceu 2% em setembro, liderada por aumento nos setores de vestuário (4,4%) e alimentos e bebidas (11,4%) - sem ajuste. Essas altas ajudaram a equilibrar a contração de 5,3% do setor têxtil do Estado. Para o economista chefe da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (FIEC), Pedro Jorge Viana, o fim de ano deu fôlego à indústria, que registra contração de 13,2% no acumulado do ano. "A valorização do dólar também ajudou nas exportações, mas isso vai ser sentido com mais força em outubro", afirma.

Faturamento aumenta com atividade em queda

09/11/2011- Agência CNI

O faturamento da indústria aumentou 1% em setembro na comparação com agosto, na série livre de influências sazonais. No entanto, outros indicadores recuaram, confirmando a retração da atividade industrial. As horas trabalhadas na produção caíram 1,3%, o emprego recuou 0,3% e a utilização da capacidade instalada teve queda de 0,6% em setembro frente a agosto, também na série livre de influência sazonais, informa a pesquisa Indicadores Industriais, divulgada nesta terça-feira, 8 de novembro, pela [Confederação Nacional da Indústria \(CNI\)](#).

Esse foi o quarto consecutivo de crescimento do faturamento do setor. Conforme o gerente-executivo de Política Econômica da CNI, Flávio Castelo Branco, esse aumento, combinado com a queda dos demais indicadores da atividade, mostra que as empresas estão vendendo os estoques acumulados no primeiro semestre do ano e, alguns setores, aumentaram o uso de componentes importados na produção.

"O acúmulo indesejado de estoques e a maior concorrência com os importados no mercado interno são frutos de um agravamento da crise financeira internacional aliada à política de restrição do crédito e de aumento da taxa de juros aplicada pelo governo no primeiro semestre", completou Castelo Branco.

De acordo com a pesquisa, em setembro, a indústria operou, em média, com 81,6% da capacidade instalada. A pesquisa mostra ainda que os salários pagos pela indústria aumentaram 3,5% em setembro na comparação com agosto, na série original. No mesmo período, o rendimento médio do trabalhador cresceu 3,3%.

Na avaliação de Castelo Branco, a atividade industrial se manterá estável até o final deste ano. Para 2012, a perspectiva é de queda na demanda externa, causada pela crise na Europa e a desaceleração da economia norte-americana. "O ritmo de exportações de commodities está menor", disse o economista.

Chery vai antecipar fábrica no Brasil

09/11/2011- Newsletter Automotive Business

Luis Curi, presidente da Chery Brasil (foto), pretende antecipar em alguns meses a inauguração da fábrica em Jacareí, SP, onde poderão ser produzidos inicialmente até 50 mil unidades por ano, depois de um investimento de US\$ 130 milhões. Em uma segunda etapa, até 2015, a unidade receberá mais US\$ 270 milhões para elevar a capacidade a 150 mil unidades/ano.

O executivo disse a **Automotive Business** nesta terça-feira, 8, que a unidade deve começar a operar em meados de 2013. Ele negocia com diversos sistemistas locais parcerias para o desenvolvimento dos produtos e manufatura. Na lista dos candidatos certos estão Delphi, Magneti Marelli e Lear. Há também conversações com a Visteon.

Curi recebe esta semana em Salto, SP, onde tem escritórios, diretores chineses da companhia para uma revisão das operações no País e definição dos preços a serem praticados com a elevação de 30 pontos percentuais no IPI a partir de dezembro. Está nos planos dele fazer um repasse parcial do imposto e elevar a tabela em cerca de 10%.

O diretor da Chery no Brasil não acredita que haja possibilidade de negociar com o governo a redução do IPI em 30 pontos na importação dos veículos chineses por conta de um programa de nacionalização progressiva a partir da inauguração da fábrica. "A regra valerá para todos e os 30 pontos afastarão eventuais aventureiros. Vamos trabalhar sério e dentro das regras do jogo", afirmou.

Zhou Biren, presidente de operações internacionais da Chery, disse em 25 de outubro, em videoconferência com jornalistas, que a montadora continua firme na decisão de produzir carros no País e confirmou o investimento total de US\$ 400 milhões. Ele reconheceu, no entanto, que o índice de 65% de conteúdo nacional é muito alto para uma fábrica que acaba de ser inaugurada. Curi levou essa preocupação ao ministro Fernando Pimentel, do Desenvolvimento, e já sabe que o governo pretende flexibilizar, até dezembro, as exigências contidas no Decreto 7567, que estabelece regras para o regime automotivo.

Durante a cerimônia de assentamento da pedra fundamental da fábrica de Jacareí, em 19 de julho, Curi havia dito que o índice inicial da unidade seria de 30% a 40%.

Saldo de financiamento para veículos atinge R\$ 199,3 bi em setembro

09/11/2011- Newsletter Automotive Business

O saldo total de crédito para a aquisição de automóveis atingiu R\$ 199,3 bilhões em setembro, crescimento de 13,3% sobre mesmo mês de 2010, de acordo com dados divulgados na terça-feira, 8, pela Anef, Associação Nacional das Empresas Financeiras e dos Bancos das Montadoras. O valor correspondeu a 10,3% do total de crédito do Sistema Financeiro Nacional e 32% do crédito destinado a pessoas físicas.

Do total liberado no período, o CDC foi responsável por R\$ 167,3 bilhões, alta de 33,3% no mesmo comparativo. As operações por leasing, entretanto, continuam em queda. Somaram R\$ 32 bilhões em setembro, valor 36,4% abaixo do registrado em igual mês de 2010.

A entidade manteve as projeções para o saldo de financiamento. "Os números seguem positivos e mantemos a projeção de crescimento próximo de 10% do crédito para aquisição de veículos neste ano", afirmou em comunicado o presidente da Anef, Décio Carbonari de Almeida.

A inadimplência no CDC para pessoas físicas acima de noventa dias atingiu patamar de 4,4% em setembro, aumento de 0,2 pontos percentuais sobre agosto. Os planos de financiamentos fecharam o mês com média de 42 meses, sendo 60 meses para o prazo máximo. Em setembro de 2010 o plano máximo de financiamento contemplava 72 meses.

Usiminas: lucro no 3º trimestre cai 70%, para R\$ 154 mi

09/11/2011- Newsletter Automotive Business

A Usiminas divulgou na terça-feira, 8, lucro líquido de R\$ 154 milhões no terceiro trimestre de 2011, o que representa uma queda de 70% sobre os R\$ 514 milhões anotados no mesmo período do ano passado.

A siderúrgica, que tem como principal cliente a indústria automotiva, apresentou Ebitda, lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortizações, de R\$ 343 milhões de julho a setembro, cifra 53% menor que a de R\$ 735 milhões no terceiro trimestre de 2010. A margem Ebitda caiu de 22,7% para 11,5% em igual comparação.

A receita líquida somou R\$ 2,998 bilhões, 7,5% menor que a de R\$ 3,241 bilhões no terceiro trimestre de 2010. O resultado financeiro líquido da Usiminas ficou negativo em R\$ 195,766 milhões, ante montante positivo de R\$ 144,152 milhões no terceiro trimestre do ano passado.

Para a empresa, a demanda retraiu no período em função do menor nível de atividade industrial e o maior consumo dos estoques pelos clientes. Durante o trimestre, também afetou o setor siderúrgico o aumento de 27,5% das importações diretas de

ação e de 9,7% das importações indiretas, aço contido em produtos, com relação ao segundo trimestre.

Vendas globais da Volkswagen crescem 12% até outubro

09/11/2011- Newsletter Automotive Business

A Volkswagen reportou aumento de 12,1% em suas vendas globais no período de janeiro a outubro, quando entregou 4,24 milhões de veículos contra os 3,78 milhões registrados em igual período do ano passado, informou a empresa na terça-feira, 8. Em outubro foram entregues 430,8 mil automóveis da marca no mundo, incremento de 10,4% ante mesmo mês de 2010.

A China foi o país que mais comprou carros Volkswagen no ano: em dez meses aquele mercado consumiu 1,45 milhão de veículos da marca, avanço de 11% na comparação com iguais meses de 2010. Na Europa as vendas somaram 1,44 milhão de veículos, também aumento de 9,9%, impulsionadas pelo mercado russo, onde as vendas dobraram de 45,4 mil unidades de janeiro a outubro de 2010 para 91 mil até outubro deste ano.

Na América do Sul houve aumento de 4,7%, com destaque para o mercado argentino, cujo crescimento foi de 30%, para 126,7 mil unidades.

Nova técnica antecipa quando um metal irá se quebrar

09/11/2011- CIMM

Máquinas são muito boas. Mas, por mais aperfeiçoadas que sejam, um dia elas quebram. Para evitar os prejuízos ou os danos potencialmente catastróficos de um acidente, a saída é parar o equipamento para manutenções preventivas. O difícil é estabelecer um equilíbrio entre parar demais a máquina para verificações ou correr o risco de que ela se quebre. Por outro lado, nenhuma manutenção preventiva é boa o suficiente para evitar totalmente as quebras.

O professor Michael Khonsari e sua equipe da Universidade da Louisiana, nos Estados Unidos, deram um salto no conhecimento sobre a fadiga dos materiais. Eles desenvolveram uma técnica, e a demonstraram na prática, que é capaz de prever quando um equipamento mecânico está para atingir o ponto de quebra.

"Antes do nosso trabalho, as pesquisas relativas à fadiga eram lentas e incrementais," disse Khonsari. "Há possibilidades para que isso seja aplicado em quase todos os aspectos de nossas vidas. Imagine ser capaz de saber com antecedência quando a peça de um avião vai quebrar, quando a hélice de um helicóptero vai rachar ou quando os freios de um carro vão falhar. Coisas como estas são possíveis com a aplicação do nosso trabalho."

Entropia

Tanto entusiasmo se justifica com a descoberta de que a degradação resulta em uma desordem dentro do material e de um aumento mensurável em sua entropia - um princípio termodinâmico que se manifesta na forma de um aumento na temperatura.

"Nós verificamos que a maioria dos metais responde da mesma forma quando submetido a um estresse cíclico externo que causa fadiga. Embora qualquer tipo de esforço repetitivo - flexão, torção, tensão ou compressão - resulte em um aumento da temperatura, os momentos imediatamente anteriores à quebra são precipitados por um aumento súbito e drástico na temperatura," explicou Khonsari.

"Além disso, determinamos que, conforme um metal se degrada, a quantidade de desordem gerada dentro dele continua a subir até um valor máximo pouco antes da fratura. E esse valor máximo passa a ser uma propriedade única do metal. Esta descoberta significa que podemos antecipar o momento da falha e desligar [o equipamento] antes desse momento chegar." concluiu ele.

A equipe agora está testando um sistema de sensores capazes de monitorar as peças e disparar o alarme na iminência da quebra.

Kennametal lança produtos para fresagem em alta velocidade

09/11/2011- CIMM

A Kennametal lançou um novo dispositivo de inserção de fresagem indexável, desenvolvido para a usinagem a seco de alta velocidade na fresagem média de peças em aço e aço inoxidável sob condições estáveis. O KCPM20 é recomendado em operações onde o líquido de refrigeração não é utilizado e é exigida uma elevada capacidade de resistência ao desgaste.

Cada produto desta linha possui características de material de base e espessura de revestimento específicas da sua aplicação. O resultado é o aumento da produtividade e um maior âmbito de aplicação para cada produto novo, em comparação com a classificação original. "Embora esteja voltado para aços e aços inoxidáveis, o novo dispositivo também pode funcionar como um solucionador de problemas em aplicações de ferro fundido, principalmente em ferros nodulares em condições secas" diz Osny Fabricio, Gestor de Produtos Sênior.

Os novos dispositivos de inserção são revestidos por CVD (deposição de vapor químico), mas, enquanto os revestimentos por CVD convencionais estão sob esforço de tração, os dispositivos de inserção Beyond são alvo de um tratamento pós-revestimento proprietário em todas as superfícies de modo a reduzir o seu esforço, o que melhora a adesão do revestimento e reduz a micro-descamação. O uso mais uniforme e fiável da extremidade de corte resulta num maior e mais consistente tempo de vida útil da ferramenta. As superfícies mais macias também reduzem as forças friccionais e permite velocidades de corte maiores.



Dispositivos de inserção indexáveis
Imagem: Divulgação